

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST**

KESIA PERES DE CASTRO

**O PEQUENO PRÍNCIPE: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PERSONAGENS
LITERÁRIAS E SUA RELAÇÃO COM OS PERFIS HUMANOS NA
CONTEMPORANEIDADE**

TEFÉ/AM

2019

O PEQUENO PRÍNCIPE: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PERSONAGENS LITERÁRIAS E SUA RELAÇÃO COM OS PERFIS HUMANOS NA CONTEMPORANEIDADE

Kesia Peres de Castro¹

Núbia Litaiff Moriz Schwamborn²

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise acerca da obra *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, sobretudo, com referências às personagens ficcionais e às metáforas que existem na narrativa, inicialmente destinada ao público infantil. Considerando que a Literatura Infanto-Juvenil é carregada de metáforas que nos proporcionam uma reflexão sobre valores, atitudes, ações e diferentes visões de mundo que podem estar sendo revelados e denunciados ao longo do escrito literário. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa acadêmica consiste em refletir sobre as personagens ficcionais presentes na obra, com referência às simbologias e associá-las aos perfis humanos da contemporaneidade. Entre os objetivos específicos, se destaca: ilustrar, através dos diálogos presentes na obra exuperyana, representações metafóricas dos valores presentes na sociedade e apresentar breves dados sobre a obra e o autor. A obra *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, que apresenta questões humanas e sociais relacionadas à década de 40, período em que a obra fora escrita, mas que ainda perduram no universo contemporâneo, marcando a atemporalidade. A pesquisa é bibliográfica, de abordagem qualitativa e para dialogar com o tema, recorreu-se aos teóricos Sosa (1991), Viscondelet (2008), Dryzun (2009), Müller; Mafra de Lima (2017), entre outros.

Palavras-chave: Personagens. Perfis humanos. Atemporalidade. *O Pequeno Príncipe*.

ABSTRACT

This article presents an analysis of Antoine de Saint - Exupéry, *The Little Prince*, especially with references to the fictional characters and metaphors that exist in the narrative, initially intended for children. Considering that Child-Youth Literature is loaded with metaphors that give us a reflection on values, attitudes, actions and different worldviews that may be being revealed and denounced throughout the literary writing. Thus, the general objective of academic research is to reflect on the fictional characters present in the work, with reference to the symbologies and to associate them with the human profiles of contemporaneity. Specific objectives include: illustrating, through the dialogues present in the exuperyana work, metaphorical representations of the values present in society and presenting brief data about the author. *The Little Prince*, by Saint-Exupéry, presents human and social issues related to the 1940s, a period in which the work was written, but which still remain in the contemporary universe, marking the timelessness. The research is bibliographical, with a qualitative approach and to dialogue with the theme, the theorists Sosa (1991), Viscondelet (2008), Dryzun (2009) and Müller; Mafra de Lima (2017), among others.

Keywords: Characters. Human profiles. Timelessness. *The little Prince*.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras do CEST/UEA; E-mail: kesiacaastro.94@gmail.com

² Professora Orientadora do TCC, do CEST/UEA; Docente de Literatura Infanto-Juvenil do curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST/UEA; E-mail: nmoriz@uea.edu.br

INTRODUÇÃO

Uma das principais características da Literatura é que a mesma, através da arte da palavra, transfigura uma realidade. De fato, a Literatura, utilizando-se das palavras, conforme Moriz (2012, p. 24) “revela sentimentos, valores e visão do mundo, vigentes em determinada época”, sendo assim, por meio da linguagem multissignificativa, “a literatura expressa os valores, a ideologia e o pensamento humano” (MORIZ, 2012, p. 24). Desse modo, sentimentos, valores e a percepção da realidade são revelados através da linguagem literária e dos símbolos metafóricos, que proporcionam experiências vivenciadas e associadas ao mundo real, através da leitura crítico-reflexiva de obras literárias.

A Literatura Infanto-Juvenil constitui uma literatura carregada de metáforas que nos proporcionam um ato reflexivo sobre valores, atitudes e ações, diferentes visões de mundo que podem estar sendo revelados e denunciados ao longo do escrito literário. Como exemplo, as fábulas que têm a missão de entreter e ensinar moralidade que precisa ser repassada para os leitores, sejam crianças, que são o público-alvo principal, ou sejam adultos.

De acordo com as teóricas Oliveira; Namba (2014, p. 8) no artigo intitulado “A influência das fábulas na construção dos valores morais da criança”, esses tipos de narrativas “abordam diversas situações humanas, que giram em torno de valores tais como: o amor, o respeito, a esperança, a ganância, a esperteza, a amizade, a maldade, a bondade”. Nessa perspectiva, o escritor Saint-Exupéry, em sua famosa obra *O Pequeno Príncipe*, utilizando as características da fábula, através do diálogo entre os seres inanimados como a Rosa e Animais falantes: a Raposa e a Serpente e o príncipezinho por meio da simbologia, possibilita aos leitores uma reflexão acerca dos valores humanos apreciados ou criticados pela sociedade.

O Pequeno Príncipe, de autoria do francês Antoine de Saint-Exupéry é a terceira obra mais traduzida no mundo, com adaptações feitas tanto para a TV quanto para o cinema. A princípio foi considerada como literatura destinada ao público infantil, mas por trazer uma visão poética e metafórica do mundo e questões filosóficas que até perpassam no mundo contemporâneo conquistou não somente os pequenos leitores, mas “pessoas grandes”, como enfatiza o narrador da obra exuperyana.

Partindo dessas questões, o interesse pela pesquisa surgiu a partir da leitura crítico-reflexiva da obra *O Pequeno Príncipe* e após constatar que uma obra de Literatura Infanto-Juvenil, destinada a um público específico, pode despertar interesse do público em geral, a motivação pessoal pelo autor e, conseqüentemente pela obra, aumentou de forma significativa, visto que no contexto ficcional da obra exuperyana são apresentadas

personagens dotadas de características humanas e sentimentos como amizade, sensibilidade, vaidade, ganância e outras situações sociais como o alcoolismo, desejo de poder, más condições de trabalho, além de apresentar questões humanas e sociais relacionadas à década de 40, período em que a obra fora escrita, e que ainda perduram no universo contemporâneo. Portanto, por ser uma obra literária atemporal, justifica-se a relevância da pesquisa.

A pesquisa intitulada “O Pequeno Príncipe: uma reflexão sobre as personagens literárias e sua relação com os perfis humanos na contemporaneidade” versa sobre o universo ficcional da Literatura Infanto-Juvenil, precisamente, por meio das personagens literárias presentes na obra *O Pequeno Príncipe*.

Através da análise temática da obra *O Pequeno Príncipe*, representativa da Literatura Infanto-Juvenil, o objetivo geral do trabalho acadêmico consiste em refletir sobre as personagens ficcionais da obra em questão, associando-as metaforicamente aos perfis humanos da contemporaneidade. Como objetivos específicos, ilustrar, através de passagens transcritas da obra, representações metafóricas dos valores presentes na sociedade. Outro objetivo consiste em apresentar breves dados sobre a obra e sobre Antoine de Saint-Exupéry. Para alcançar os objetivos, recorreu-se aos estudos de Sosa (1991), Viscondelet (2008), Dryzun (2009) e Müller; Mafra de Lima (2017), entre outros para fundamentar a pesquisa bibliográfica e qualitativa.

Considerando que a literatura tem a função social de denunciar e revelar aspectos de uma sociedade, através da análise da narrativa *O Pequeno Príncipe*, abordou-se também a atemporalidade da obra e a importância dos valores humanos presentes no transcorrer dos diálogos do príncipezinho com as demais personagens exuperyanas.

1 QUADRO TEÓRICO

Partindo-se do pressuposto de que a Literatura, em conformidade com Vasconcelos; Moriz (2016), “é um instrumento eficaz para obter conhecimento do passado do homem, sua ideologia, sua cultura, seus costumes e suas lutas”, a leitura crítica é uma ferramenta fundamental que oferece uma variedade de ensinamentos, permitindo que os leitores venham refletir sobre as metáforas representativas da manifestação ideológica e dos valores humanos que perpassam através das personagens ficcionais.

A Literatura Infanto-Juvenil vista, inicialmente, como uma alternativa de divertimento e entretenimento para as crianças leitoras, como afirma Cunha (1999), “tem relativamente poucos capítulos”. Nessa concepção, a criança passa a ser “considerada um ser diferente do

adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta” (CUNHA, 1999, p. 22).

Ainda de acordo com a teórica Cunha (1999), a história da literatura infantil começa a delinear-se no início do século XVIII. Nos primórdios, surgiu como uma tentativa de mostrar que as crianças eram diferentes dos adultos e precisavam de uma leitura diferenciada, com o nível de compreensão mais acessível para elas. No entanto, constata-se que a Literatura Infanto-Juvenil oferece algo muito mais do que o fantasioso do universo infantil; ela permite que leitores em geral, possam viajar através das páginas do livro, incluindo suas próprias experiências à trama lida.

Dentro do convencionalismo de dividir a Literatura para o público infantil e para o público adulto, a literatura infantil, acaba por ser menosprezada pela comunidade acadêmica e pelos adultos em geral, visto que os gêneros narrativos que são destinados ao público infanto-juvenil são repletos de símbolos infantilizados, como príncipes, princesas, fadas, dragões, lobos, formigas falantes e tantos outros seres de cunho fantasioso. Essas simbologias e metáforas, ainda que venham carregadas de ensinamentos sobre a moral, valores e críticas podem trazer um desinteresse de determinados leitores pelos gêneros, inferiorizando as literaturas infantis, erroneamente. Sobre esse aspecto, afirma Lajolo (1988) que:

As relações da literatura infantil com a não-infantil são tão marcadas, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior (LAJOLO, 1988, p.11).

Desmitificando e integrando os diferentes leitores, a literatura tem um papel fundamental na prática de ensino para crianças e jovens, conforme Coelho (2000, p. 15) enfatiza: “a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto [...]”, por isso, há necessidade de se fazer uma leitura de caráter crítico, visto que a literatura nos proporciona um vasto aprendizado sobre a vida, tanto para o público infantil quanto para o adulto.

Considerando o objeto do presente estudo acadêmico, o escritor francês Saint-Exupéry, traz em sua narrativa *O Pequeno Príncipe*, através de alguns símbolos, uma crítica direta aos adultos e aos problemas sociais e morais que existiam em seu tempo, na década de quarenta. Por este motivo, o autor, foge à “regra” de que se faz literatura infantil somente para as crianças. Enfim, Saint-Exupéry nos brinda com uma literatura ficcional de temática

atemporal, que transita no tempo, ultrapassando as fronteiras temporais com temas que até hoje são contemporâneos como: a avareza do homem rico, a falta de tempo do homem de negócios, a necessidade de poder do rei, a importância dada às aparências externas, a falta de humanidade e a importância da amizade entre as pessoas.

Este último aspecto, relacionado à necessidade da amizade sincera, pode ser ilustrado a partir do diálogo do Príncipezinho (o pequeno Príncipe) e a Raposa:

[...] A gente só conhece bem as coisas que cativou – disse a raposa: - Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me! (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 67).

A obra ficcional *O Pequeno Príncipe* apresenta aos leitores uma variedade de personagens com características humanas, características que são vistas e julgadas nos dias de hoje. Na obra, metaforicamente, essas desqualificações podem ser vistas nos personagens humanos, como o Aviador, a Criança (o pequeno Príncipe), o Rei, o Lampião, o Homem de negócios e nas simbologias como: a Raposa, a Rosa e a Serpente. Müller; Mafra de Lima (2017) afirmam que “supostamente tais símbolos expostos na obra de Antoine de Saint-Exupéry tiveram ligações com o contexto de vida do autor”. A partir da afirmação das autoras, inferimos que na obra *O Pequeno Príncipe*, o escritor Antoine de Saint-Exupéry, faz menções implícitas e explícitas ao longo de sua narrativa aos problemas que, como autor e pessoa, percebeu existir no mundo, desde a sua infância até sua vida adulta.

Esses problemas, tão presentes nos dias do século XXI foram utilizados por Antoine Sant-Exupéry para denunciar sentimentos como ambição, cobiça, falta de sensibilidade e problemas de sua época e para mostrar o que considerava importante na vida para o público leitor. Conforme Lima; Silva; Reiner (2010), “[...] o homem utiliza meios, nem sempre verbais, para comunicar o que realmente quer”. Ainda em conformidade com as teóricas, Exupéry utilizou dessa técnica para demonstrar que “é essencial, sempre, nos lembrarmos dos sentimentos citados: Amizade, Amor, Simplicidade, que mesmo se fossem explicados aos adultos, com palavras, não seriam compreendidos” (LIMA; SILVA, REINER, 2010, p. 11).

1.1 BREVES DADOS SOBRE O AUTOR³

³ Predominantemente, os dados são fundamentados em LIMA, Aline de Magalhães; SILVA, Antônia Monique dos Santos; REINER, Nery. Artigo: “**O Pequeno Príncipe**: a importância dos símbolos”. Campus II, da Universidade de Santo Amaro – UNISA, s/d.

O francês Antoine Jean Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint-Exupéry nasceu na cidade de Lyon em 1900, na França. O autor estudou em um colégio interno localizado na Suíça, durante os anos de 1915 a 1917. Tinha o sonho de ingressar na Marinha, mas foi reprovado no exame de admissão, o que fez Saint-Exupéry decidir pela área de aviação.

Ingressou no serviço militar no ano de 1921, alistou-se no segundo regimento de Aviação de Caça. Tornou-se piloto e seu primeiro voo aconteceu em julho de 1921. Tempo depois, largou a vida no Exército por insistência da família de sua noiva, mas, por não se “encaixar” na vida de homem de família, acabou rompendo o noivado e decidiu retomar sua vida como aviador.

Sua primeira publicação literária aconteceu no ano de 1926, em uma revista literária chamada *Le Navire d'Argent*, com o conto que recebeu o título de *L'Aviateur* (O Aviador). Alguns anos depois, publicou seu primeiro romance, intitulado *Courrier-Sud*, (Correio do Sul), que muitos acreditam retratar o insucesso na sua relação com a ex-noiva Louise.

Posteriormente, Saint-Exupéry decidiu se mudar para a América do Sul e exerceu o cargo de diretor da companhia *Aeropostal Argentina*. Foi durante esses anos, voando sobre aviões correios, que escreveu a obra *Vol de Nuit* (Voo Noturno) que fez tanto sucesso, que ganhou adaptação para o cinema.

Sobre a vida afetiva, Saint-Exupéry casou-se com Consuelo Castillo no ano de 1931. O casal viveu um casamento complicado, considerando as crises de ciúmes e as traições que vinham de ambos os cônjuges, e, sobretudo, devido às ausências ocasionadas pelas várias viagens a trabalho empreendidas pelo escritor. Alguns anos após ter se casado, Antoine passou a trabalhar a serviço na *Air France*, e foi no ano de 1935 que o avião em que estava teve alguns problemas mecânicos, caindo em um deserto na África, obrigando-o a caminhar por alguns dias, até finalmente ser resgatado por uma caravana. Alguns anos depois, escapou da morte novamente, quando o avião em que ele estava, caiu na Guatemala.

Em 1940, as tropas alemãs invadiram e ocuparam a França. Exupéry se desespera e pede para que o governo lhe envie para os Estados Unidos, mas mesmo com muita insistência, Saint-Exupéry não consegue seu intento. Então, de acordo com Sheila Dryzun, (2009), “Antoine faz mais uma viagem para ver sua família no sul da França, confia ao cineasta Pierre Billon o roteiro de Igor e parte para o exílio em Nova York” (p. 69), onde passa um longo período e escreve sua famosa obra *O Pequeno Príncipe*, que ganhou várias traduções para diversos países.

Portanto, a obra *O Pequeno Príncipe*, escrita no ano de 1942 e lançada no ano seguinte, em um período em que o autor estava exilado em Nova York, enquanto sua terra e seu povo sofriam perdas irreparáveis com ataques oriundos da Segunda Guerra Mundial.

A necessidade de se exilar surgiu após alguns acidentes aéreos, visto que Saint-Exupéry era piloto de guerra. Durante o exílio, o autor escreveu *O Piloto de Guerra* (1942), além de *O Pequeno Príncipe* (1943). De acordo com Vircondelet (2008, p. 20), a imagem do Pequeno Príncipe surgiu em um dia em que Saint-Exupéry estava reunido junto com alguns amigos em uma cantina no Café Arnold e [...] “enquanto o garçom retirava a mesa, ele desenhou um garotinho de cabelos revoltos...”. “O desenho surge quase automaticamente para ele que não se considera um desenhista” (VIRCONDELET, 2008, p. 20). - Seria esse o nascimento do Príncipezinho?

Sobre o autor, Dryzun (2009, p. 59) o descreve como [...] “um tipo memorável. Um homem de ação, com coração de filósofo e alma de poeta. Encantador, enigmático e muito franco no que revela”. Sobretudo, um homem tão espetacular que encantava as “pessoas grandes” com sua “habilidade de escolher sempre a palavra certa” (DRYZUN, 2009, p. 59). Saint-Exupéry morreu em 31 de julho de 1944. Com referência à sua morte, ainda se encontra envolvida em mistério, visto que até hoje seu corpo não foi encontrado: de acordo com Lima; Silva; Reiner (2010), em 2004, “os destroços do avião que pilotava foram achados a poucos quilômetros da costa de Marselha”, porém, seu corpo jamais foi encontrado.

1. 2 O PEQUENO PRÍNCIPE: UMA ANÁLISE SUBJETIVA DOS CAPÍTULOS E DAS PERSONAGENS SIMBÓLICAS

A narrativa ficcional *O Pequeno Príncipe*, dividida em vinte e sete (27) capítulos, não intitulados, de autoria de Saint-Exupéry, contém aquarelas do próprio autor; é um livro dedicado a León Werth, “uma pessoa grande” que “é capaz de compreender todas as coisas, mesmo os livros de criança” (SAINT-EXUPÉRY, p. 2015, 05).

No Capítulo I, cujo foco narrativo é em primeira pessoa, o narrador relata que após ler um livro: Histórias vividas sobre a floresta virgem, fez o seu desenho número 1: “fiz com lápis de cor, o meu primeiro desenho” (p. 07). Ao mostrar seu desenho aos adultos, foi incompreendido: “Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante” (p. 08). Após fazer seu segundo desenho, foi aconselhado pelos adultos “a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas” (p. 08) e a se interessar

preferencialmente “pela geografia, pela história, pelo cálculo e pela gramática” (p. 08), então necessitei “escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões” (p. 08).

No capítulo II, o narrador, após sofrer uma pane no seu avião, em pleno deserto, depara-se, ao acordar, com o príncipezinho que, com uma “voz estranha” lhe pedia: “– Por favor... desenha-me um carneiro!” (p. 09).

Assim, após várias tentativas, ao desenhar um “carneirinho de nada”, que o narrador conhece o pequeno Príncipe.

Nos capítulos posteriores, o narrador vai conhecendo, através das conversas com o pequeno príncipe, sobre o planeta, seus pensamentos, seus gostos e no capítulo X, o príncipezinho narra como conheceu o Rei, habitante do asteroide 325, que necessitava ter súditos para que pudesse fazer sentido o seu título de rei. Para tanto, o Rei buscava adaptar as situações para que suas ordens fossem obedecidas, como se descreve no trecho a seguir:

[...] Ficou, então, de pé. Mas, como estava cansado, bocejou. – É contra a etiqueta bocejar na frente do rei – Disse o monarca. – Eu o proíbo. - Não posso evitá-lo – disse o pequeno príncipe, confuso ... – Então – disse o rei – Eu ordeno que bocejes. Há anos que não vejo ninguém bocejar! Os bocejos são uma raridade para mim. Vamos, boceja! É uma ordem! (SAINT-EXUPERY, 2015, p. 35).

Contextualizando, a atitude do rei, não foge das atitudes de certas pessoas no nosso mundo contemporâneo, mais precisamente no meio político, onde os homens públicos, igualmente ao rei de *O Pequeno Príncipe* expressam a necessidade de poder e vão adaptando seus discursos para que o povo possa conceder a eles a oportunidade de exercer essas relações de poder sobre a sociedade Municipal, Estadual e até Federal. Metaforicamente, o Rei é símbolo das relações de poder que oprimem as pessoas que não detém o poder, de classes menos favorecidas.

No capítulo XI é apresentado o asteroide 326, que “era habitado por um vaidoso” (p. 40). Ao ver o príncipezinho chegar, ficou extremamente feliz: “- Ah! Ah! Um admirador vem visitar-me!” (p. 40). O vaidoso, que precisa do reconhecimento e elogios de outras pessoas, vê os homens como seus admiradores. Ao se dirigir ao pequeno príncipe, ele ordena: “bate tuas mãos uma na outra” (p. 40). Sendo o único habitante deste planeta, queria ser admirado e reconhecido como belo e bem vestido, ou seja, era fútil, preocupado com a aparência externa. Porém, o pequeno príncipe, desprovido de vaidade e bastante sensato, chega à conclusão de que as pessoas “são decididamente muito bizarras”

Acerca desta simbologia, o homem vaidoso é metáfora das pessoas da nossa contemporaneidade que priorizam as aparências externas e acham que devem ser elogiadas a qualquer custo, sem se importarem com aspectos interiores ou com qualquer comentário que

não aclamem suas aparências, alimentam o “ter” em detrimento do “ser”. Desse modo, constata-se que “os vaidosos só ouvem elogios” (p. 41).

No capítulo XII, um outro problema contemporâneo é apresentado. Trata-se do alcoolismo, vício presente no habitante do asteroide 327: o bêbado, personagem que ironicamente, bebia para esconder “a vergonha de beber” (p. 43). Contextualizando, esta personagem pode representar pessoas que possuem dificuldades para encarar suas realidades e que se entregam aos vícios como meio de resolver seus problemas.

No capítulo XIII, no quarto planeta, o príncipezinho relata que conheceu um homem de negócios que “estava tão ocupado que não levantou sequer a cabeça à chegada do pequeno príncipe” (p. 43). Segundo o homem de negócios, ele era um “sujeito sério” (p. 44) preocupado apenas com seus negócios, com seus quinhentos. Sem compreender o bastante, o pequeno príncipe faz várias indagações, inclusive pergunta ao homem de negócios: “- E para que te serve ser rico?” (p. 45). O diálogo estabelecido entre a criança e o homem mostra, na contemporaneidade, que há pessoas que vivem em função de acumular riquezas e bens materiais e assim, não possuem laços afetivos verdadeiros, nem tempo para aproveitarem as coisas belas da vida. Gastam tanto tempo no acúmulo de riquezas que não têm tempo para suas famílias ou para si. Desse modo, no encontro do Pequeno Príncipe com o Homem de Negócios “está enunciado o sentido crítico de sua revolução psicológica. As coisas que as ‘pessoas grandes’ consideram sérias, ou seja, valiosas, importantes, na realidade não são” (SOSA, 1991, p. 68).

A partir do diálogo entre o príncipezinho e o homem de negócios, o narrador quer nos mostrar que “a vida é muito mais que números, e que o verdadeiramente importante não é analisar nem medir realidade, mas vivê-la e senti-la” (SOSA, 1991, p. 69).

No capítulo XIV, narra-se sobre o acendedor de lampiões, que segundo o príncipe, era “menos absurdo que o rei, que o vaidoso, que o homem de negócios, que o beberrão” (p.47). Ou seja, na concepção do príncipezinho, o homem, ao acender o lampião, “é como se fizesse nascer mais uma estrela, mais uma flor” (p. 47).

O “menino de cabelos revoltos” achou que a função que o acendedor de lampião exercia era “realmente útil, uma vez que é bonita” (p. 48). O acendedor de lampião era um homem íntegro, fiel ao seu trabalho e ao regulamento de seu planeta, mesmo que suas condições de trabalho fossem desfavoráveis. Como podemos observar no fragmento a seguir:

Antigamente era mesmo melhor. Apagava de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir ... O problema é que o planeta a cada ano gira mais depressa... agora, que ele dá uma volta por minuto, não tenho

mais um segundo de repouso. Acendo e apago uma vez por minuto. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p, 48).

O acendedor de lampião executa sua função em respeito ao regulamento: durante a noite, o lampião deveria estar aceso e durante o dia, apagado. Com o passar do tempo, o dia passou a durar somente 1 minuto, tirando qualquer possibilidade de descanso do trabalhador. E ainda com essa circunstância, não houve uma iniciativa de mudar o regulamento para proporcionar o mínimo de conforto para o homem, pois “no mundo das ‘pessoas grandes’, os responsáveis pelos regulamentos do trabalho nem sempre têm em conta o homem que trabalha e as circunstâncias concretas em que se desenvolverá a tarefa” (SOSA, 1991, p. 73).

Em relação ao símbolo, o acendedor de lampião pode representar o trabalhador da nossa realidade que cumpre uma carga excessiva de trabalho, desempenha fielmente suas tarefas, ganha pouco, contudo, não tem sequer respeito dos formuladores de leis trabalhistas (regulamentos), que acaba fazendo com que os homens trabalhem de forma mecânica, sem paixão pela função, e de acordo com SOSA (1991, p. 72) através de “um automatismo condicionado”. É um trabalho desenvolvido sem gratificação emotiva: “eu executo uma tarefa terrível” (p. 48)

Para Sosa, a narrativa *O Pequeno Príncipe* nos leva a uma compreensão de que o trabalho “não deve reduzir-se a ser simplesmente ‘regulamento’, mas que é uma tarefa humana que, como tal, reclama a lucidez efetiva, o respeito e a justiça dos responsáveis para o homem que trabalha” (1991, p. 75).

No capítulo XV, vemos que o sexto planeta visitado “era habitado por um velho que escrevia livros enormes” (p. 51), o velho geógrafo conhecia muito das geografias de outros planetas, mas não sabia da geografia de seu próprio planeta. Se julgava muito importante e atribuía a função de “contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos, os desertos” (p, 52) aos exploradores. Tudo que ele coletava era informações de outros lugares.

Esta simbologia caracteriza as pessoas que atribuem seus trabalhos aos outros. O geógrafo de Saint-Exupéry, diferente do acendedor de lampião, tem a oportunidade de desfrutar das belezas de seu planeta, pois não é regido por um regulamento que o obrigue a exercer uma função cansativa e sem pausas. Mas ao invés disso, é acomodado e prefere esperar exploradores de outros planetas para obter informações, pois para ele “o geógrafo é muito importante para ficar passeando” (p, 52).

Todas as simbologias presentes em *O Pequeno Príncipe*, representadas pelas personagens literárias, citadas anteriormente, como o rei, o bêbado, o geógrafo não viviam a

vida da maneira que o príncipezinho encontrasse sentido. Sosa afirma que as personagens não eram capazes de compreender a vida.

[...] nem o rei do primeiro planeta, para quem todos os demais homens são súdito; nem o bêbado, cuja realidade só serve para ser esquecida; nem o geógrafo, que conseguiu adquirir um exato conhecimento da posição dos rios, mares e montanhas, mas não considera importante deixar seu escritório para ir respirar a brisa marinha... (SOSA, 1991, p, 69).

No capítulo XVI, o narrador fala da chegada do Pequeno Príncipe ao planeta Terra. Para o príncipezinho, a Terra não era um planeta comum.

contam-se lá cento e onze reis (não esquecendo, é claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de bebedores, trezentos e onze milhões de vaidosos, isto é cerca de dois bilhões de pessoas grandes (SAINT- EXUPÉRY, 2015, p. 56).

Com a citação, o narrador apresenta a Terra como um lugar enorme e com espaço pouco explorado pelos habitantes do planeta, como é relatado por ele no capítulo XVII, “Os homens ocupam, na verdade, muito pouco lugar na superfície da terra” (p. 57).

Ainda no capítulo XVII, relata-se o primeiro encontro do pequeno príncipe com uma simbologia enigmática, a Serpente. No capítulo XVIII, o protagonista encontra uma flor de três pétalas. Ao longo dos capítulos seguintes, o menino segue sua jornada na Terra à procura dos homens e à procura de um amigo, mas quando dizia do alto de uma montanha “Sede meus amigos, estou só” (p.61), tudo que ouvia era as mesmas palavras repetidas em ecos, o que lhe fez pensar que os homens deste planeta não tinham imaginação.

Já no capítulo XX, o narrador relata uma decepção sofrida pelo menino ao encontrar várias rosas semelhantes à sua que havia ficado no asteroide B612 a sua espera, pois “sua flor lhe havia contado que ela era a única de sua espécie” e ele se “... julgava rico de possuir uma flor única” (p. 64). Naquele instante, percebeu que tudo o que tinha era uma flor comum. No entanto, por ele nutrir sentimentos por aquela flor ela não era uma rosa qualquer, era especial para ele.

No capítulo XXI, relata-se o encontro entre o pequeno Príncipe e a Raposa. Este encontro mostra a importância de cultivarmos a amizade e reflete que os homens “não têm mais tempo de conhecer alguma coisa”, porque tudo é comprado nas lojas. A Raposa afirma que os homens não têm mais amigos, porque “não existem lojas de amigos” (p. 67). A Raposa “Era uma raposa igual a cem mil outras” (p. 70), mas o príncipezinho fez dela um amigo e “ela é agora única no mundo” (p. 70), tal qual a sua rosa. Acerca da simbologia, a Raposa é símbolo da necessidade de amizade entre os seres humanos.

A raposa foi responsável por grandes ensinamentos ao pequeno príncipe, além do valor da amizade, mostrou a ele a importância que a rosa tinha, pois ela havia sido cuidada por ele, regada, protegida, cativada, logo, ela era única. A raposa dotada de sensibilidade, que muitas vezes é um atributo ausente nos seres humanos, enfatiza que “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.” (p. 70-72), talvez essa tenha sido a maior lição ensinada pela raposa ao pequeno príncipe.

No capítulo XXII, nota-se novamente uma crítica as “pessoas grandes”. Essa crítica se dá a partir do diálogo do príncipezinho com o guarda-chaves, que afirma que os adultos não sabem apreciar a viagem, “só as crianças achatam seus narizes nas vidraças dos trens” (p. 72). Para o pequeno príncipe, somente “as crianças sabem o que procuram” (p. 73), são somente elas que compreendem o valor das coisas, “perdem tempo com uma boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando lhes é tirada” (p. 73). O guarda-chaves tem a função de mostrar a leveza das crianças e como elas sabem aproveitar as “viagens” da vida. É com o diálogo entre o príncipezinho e o guarda-chaves que fica evidente que o autor chama atenção dos leitores para a importância de se manter a criança interior que todos os adultos possuem dentro de si.

No capítulo XXIII, o menino de cabelos dourados encontrou um vendedor que oferecia “pílulas desenvolvidas para saciar a sede.” (p. 73), vendia esses comprimidos com o intuito de oferecer aos seus compradores uma economia de tempo. Conforme ele, com o uso da pílula “a gente ganha cinquenta e três minutos por semana” (p. 74), tal informação fez o príncipezinho pensar no que faria se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, e concluiu que se “tivesse cinquenta e três minutos para gastar, iria caminhando lentamente em direção a uma fonte” (p. 74). Com isso, o príncipezinho reflete a fala da raposa: “os homens não têm mais tempo de conhecer alguma coisa. Compram tudo pronto nas lojas.” (p. 67). Ele não se interessava pela facilidade que as “pessoas grandes” procuravam, não se importava com sede, pois sabia que em algum lugar havia uma fonte e o caminho até ela valeria muito a pena ser percorrido.

No capítulo XXIV o narrador volta a descrever seus momentos com príncipezinho, agora a oito dias desde que seu avião caiu. Sem água, o avião pensou até que morreria junto ao seu amiguinho. Novamente Saint-Exupéry nos brinda com mais uma lição de amizade, em um fragmento que o pequeno príncipe diz “é bom ter tido um amigo, mesmo se a gente vai morrer” (p. 74). A criança segue dando ensinamentos sobre a vida, falando que apesar de encontrar-se em um deserto, há beleza naquele lugar “o que torna belo o deserto... é que ele esconde um poço em algum lugar” (p. 75).

O pequeno príncipe sempre vê beleza em coisas e lugares que as “pessoas grandes” e sérias não enxergavam nada que pudesse ser admirado, ele não era igual aos outros, para o pequeno príncipe, “saber aspirar o perfume das flores, saber olhar uma estrela, amar alguém e não se preocupar muito com as somas e subtrações é a antítese de uma ‘pessoa séria’” (SOSA, 1991, p. 56). Isso nos mostra que na contemporaneidade existem pessoas que preocupadas com o trabalho e o acúmulo de bens materiais já não apreciam as belezas da vida. Ainda nesse capítulo, o aviador relata o que mais admira no pequeno príncipe, seu companheirismo e sentimentos sinceros de amizade o que inclui “sua fidelidade a uma flor” (p.76).

O príncipezinho dedicava um sentimento sobrecomum pela Rosa, mesmo depois do geógrafo dizer que as rosas eram efêmeras, que não eram importantes e, após descobrir que sua rosa não era a única de sua espécie, mesmo assim sua flor ainda era especial para ele. Para o príncipezinho que cuidava tão bem da rosa, que a colocava em redoma de vidro, para protegê-la do frio e dos insetos, a rosa era perfeita. Como diz Cirlot (2005, p. 504): “a rosa única é, essencialmente, um símbolo de finalidade de sucesso absoluto e perfeição”, foi o amor e essa perfeição que fez com que o “menino de cabelos dourados” deixasse seu planeta em busca de uma alternativa, visto que sua flor estava em perigo. A rosa é tão importante, que o menino decide voltar ao seu planeta, mesmo já sabendo que ela não era única no mundo.

Após reviver momentos importantes na terra, como o encontro com o aviador e ensinar valores necessários ao piloto, após ser cativado pelo aviador e ter sido comovido, chegando às lágrimas, ambos recordaram que “a gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixou cativar” (p.81). O narrador, ao mostrar esses valores nos revela que há “pessoas grandes” sensíveis e companheiras, porém, na contemporaneidade de um modo geral, há adultos que não se deixam cativar, desse modo, não cultivam sentimentos bons ou amizades verdadeiras. Sobre o tema, a raposa enfatiza o valor da amizade entre os homens, afinal, cativar traz responsabilidade pelo outro: “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas (p.70-72).

Com o intuito de retornar à flor, o príncipe procura o “animal enigmático” e questiona se o “veneno é do bom? Estás certa de que não vou sofrer muito tempo?” (p. 81), pois a serpente havia lhe dito que seu veneno era capaz de o levar de novo para o asteroide B612 e conseqüentemente ao convívio da rosa.

O aviador tentou ainda salvar seu amigo; ele percebeu que não podia mudar o que havia acontecido, e compreendeu “que não podia suportar a ideia de nunca mais escutar esse riso” (p. 84). Vemos então, novamente a importância da amizade sendo explorada na obra de

Exupéry. Na atualidade, algumas pessoas, principalmente os adultos, só valorizam a companhia das pessoas, quando elas morrem, ou já estão fora de seus convívios.

No capítulo XXVII, o narrador relata a saudade e afirma que sabe que o pequeno príncipe “voltou ao seu planeta” (p. 89). No dia seguinte, ele não encontrou o corpo de seu amigo e nutrido de sentimento verdadeiro, o piloto mostra-se preocupado com o pequeno príncipe e com a rosa, já que no desenho da mordaça que fez para o carneiro, havia esquecido de juntar a correia, o que o fez preocupar-se que o carneiro poderia comer a flor.

O narrador demonstra que mesmo tendo se passado seis anos, o mundo do príncipezinho ainda importava para ele. Agora, o aviador almeja um mundo semelhante, no qual “é possível dizer e fazer o que se sente, sem preconceitos, prevenções ou paranoias; onde não interessa de onde vem o ‘outro’, mas ‘o que ele sente’, porque a qualidade do ‘sentir’ é a maior garantia do ‘ser’” (SOSA, 1991, p. 48). Portanto, vemos que a viagem do pequeno príncipe pelos planetas, nos faz refletir que existem muitos adultos que perderam a capacidade de ver o “essencial” na vida; que existem pessoas com necessidades e funções sem sentido, seres que apresentam desejo de poder, vaidade, cobiça e materialismo, burocracia e obediência cega aos regulamentos, além de vícios diversos, como o alcoolismo, enfim que há pessoas presas “em seus mundinhos” que não saem “do ciclo repetitivo, cativos em seu autoadoração” (DRYZYN, 2016, p. 70).

Sobre os símbolos “uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato (LIMA; SILVA; REINER, 2010, p. 11) Através da narrativa de Saint-Exupéry, constata-se que, no campo literário, cada símbolo representado pelas personagens da obra exuperyana, traz uma mensagem ou um ensinamento, mostrando que a literatura em sua atemporalidade, revela perfis humanos, situações e problemas que ainda persistem na contemporaneidade.

2 MARCO METODOLÓGICO

O trabalho acadêmico intitulado O PEQUENO PRÍNCIPE: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PERSONAGENS LITERÁRIAS E SUA RELAÇÃO COM OS PERFIS HUMANOS NA CONTEMPORANEIDADE, configura-se como pesquisa bibliográfica, cujo objeto fundamenta-se na obra *O Pequeno Príncipe*, de autoria de Antoine de Saint-Exupéry.

Para o desenvolvimento do estudo acadêmico, a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa é a ideal. De acordo com o teórico Figueiredo (2008), as pesquisas qualitativas

“trabalham com dados não quantificáveis” e “requerem o máximo envolvimento por parte do pesquisador” (FIGUEIREDO, 2008, p. 96).

Considerando que a pesquisa bibliográfica objetiva encontrar respostas aos problemas formulados, “o recurso para isso é a consulta dos documentos bibliográficos” (CERVO, 2007, p. 79).

Segundo Trujillo Ferrari (1974), a pesquisa tem por objetivo, “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” e o método é dedutivo, no qual a combinação de ideias em sentido interpretativo tem mais valor que a experimentação caso a caso” (NASCIMENTO, OLIVEIRA, 2016, p. 36). Portanto, considerou-se que esse tipo de pesquisa constitui um caminho adequado para o desenvolvimento do trabalho e sobre a revisão da literatura, “o estudo da literatura pertinente pode ajudar na planificação do trabalho” (LAKATOS; MARCONI, 2007).

Desse modo, a revisão da literatura foi de grande importância para a fundamentação da análise crítica e subjetiva da obra, o que possibilitou a busca de respostas para a problemática da pesquisa.

Com o objetivo geral de encontrar na narrativa *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, referências textuais aos problemas humanos e sociais do mundo contemporâneo, efetuou-se a análise dos símbolos, metáforas e valores implícitos nos diálogos entre as personagens, presentes na narrativa e para a fundamentação teórica referente à análise da obra exupéryana e embasamento do que foi afirmado pela pesquisadora, recorreu-se aos estudos de Sosa (1991), Viscondelet (2008), Dryzun (2009), além de Müller; Mafra de Lima (2017) que abordam as escolhas simbólicas do autor presentes na obra em estudo.

Quanto às exemplificações, a pesquisa foi ilustrada através de fragmentos textuais da obra *O Pequeno Príncipe*, edição de 2015, com adaptação de Ruy Pereira e publicação da Editora Escala.

Para alcançar os objetivos específicos propostos no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), referente à pesquisa acadêmica, o quadro teórico se fundamentou, inicialmente, nos teóricos que dialogam com o tema literatura infantil, como Cunha (1999) que traz em sua literatura uma visão sobre a história da Literatura Infanto-Juvenil, Coelho (2000) e Lajolo (1988) que nos apresentam em suas obras um panorama geral sobre a literatura infantil e características dos gêneros literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antoine de Saint-Exupéry com a fábula *O Pequeno Príncipe*, publicada em 1943 nos brinda com uma narrativa cheia de sensibilidade, valores e ensinamentos transmitidos através de metáforas e símbolos.

Na narrativa, o autor francês Saint-Exupéry traz vários símbolos, metáforas e valores, que associadas aos perfis humanos da contemporaneidade, revelam vícios diversos, pessoas que vivem em função do “ter”, que não cultivam valores como amizade, solidariedade e sensatez. A obra, embora destinada a um público infanto-juvenil, é agradável também aos adultos. A literatura inserida na questão atemporal, faz críticas aos problemas da época que perduram até os dias atuais. Essas críticas são feitas através da caracterização das personagens fictícias como o Rei, o acendedor de lampiões, o bêbado, o vaidoso, o homem de negócios, o geógrafo entre outros.

Na narrativa exuperyana nos é apresentada uma raposa que nos mostra efetivamente o valor da amizade. Ironicamente, constatamos que a raposa, considerada no mundo real, como um animal perigoso e astuto, na narrativa é sensível, dotada de sabedoria e bons sentimentos. Há também uma rosa que é não é modesta, é vaidosa, contudo, o príncipezinho a ama incondicionalmente.

Personagens da obra, tais como o acendedor de lampiões que nos ensina sobre o comprometimento e respeito à sua função, mesmo sem boas condições de trabalho; um vaidoso que nos revela pessoas que só valorizam aparências externas e que discordamos, se aderirmos ao pensamento de que “o essencial é invisível para os olhos” e “só se vê bem com o coração (p. 70) ou um homem de negócios que mostra a ganância, o desejo de acúmulo de bens materiais e que tipos como ele são encontrados na realidade, deixando, inclusive de dar atenção à família, aos amigos e a si próprios.

Cada personagem da obra literária é muito mais do que uma simples personagem. Exupéry, brilhantemente, transforma cada símbolo em uma mensagem para o leitor. Ao logo de toda sua narrativa, o escritor, chama atenção para a importância de cultivarmos a criança que existe em cada adulto, que tal, como o pequeno príncipe, percebe que as “pessoas grandes” são estranhas, insensatas e sem tempo para as coisas essenciais da vida. Portanto, recomenda-se que a escola como instituição social ofereça ao alunado em geral, a leitura de obras literárias e que possui como características marcantes a atemporalidade e o ensinamento de valores que perpassam de geração em geração.

REFERÊNCIAS

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Haal, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

DRYZUN, Sheila G. **Antoine de Saint-Exupéry e O Pequeno Príncipe: A história de uma história**. São Paulo: Pedran'água, 2009.

_____. **A história da história**. In: O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. [Tradução de Dom Marcos Barbosa]. Rio de Janeiro: Agir. 2016.

FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. São Paulo: Yendis, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira – História e Histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. – 4 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007.

MORIZ, Núbia Litaiff. **Literatura Amazonense: reflexões no processo de ensino e aprendizagem do Ensino Médio das Escolas Estaduais de Tefé/AM**. Dissertação de Mestrado. Universidad San Carlos (USC). Asunción/PY, 2012. Disponível no acervo bibliotecário do CEST/UEA: Tefé/AM, 2012.

MÜLLER, Caroline Appel; MAFRA DE LIMA, Indianara. Monografia *Antoine de Saint Exupéry: uma análise das escolhas simbólicas na obra O Pequeno Príncipe*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2017. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/8562/1/PB_COLET_2017_1_03.pdf> Acesso em: 12/09/2018

NASCIMENTO, Maria Evany do; OLIVEIRA, Valdemir de. **Metodologia do estudo e do trabalho científico**. Manaus: UEA Edições, 2016.

OLIVEIRA, Monique Pucci de; NAMBA, Tatiana Sayone. A influência das fábulas na construção dos valores morais da criança. 14º Congresso Nacional de Iniciação Científica. CONIC/SEMESP. Universidade do Grande ABC, 2014. Disponível em: <conic-semesp.org.br/anais/files/2014/trabalho-1000016715.pdf> - Acesso em: 02/05/2019

LIMA, Aline de Magalhães; SILVA, Antônia M. dos Santos; REINER, Nery. **O Pequeno Príncipe: A importância dos símbolos**. São Paulo, Universidade de Santo Amaro – UNISA, 2010. Disponível em <<http://w2.unisa.br/graduacao/humanas/letra/alunos/o-pequeno-principe.pdf>> Acesso em: 13/04/2019.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. [Adaptação de Ruy Pereira]. São Paulo: Escala, 2015.

SOSA, Edgardo Rodolfo. **O Pequeno Príncipe e sua revolução psicológica**. [Tradução de Josué Candido da Silva e Revisão de Paulo Bazaglia]. – São Paulo: Paulinas, 1991.

TRUJILO FERRARI, Alfonso. **Metodologia da ciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VASCONCELOS, Jussara Oliveira de; MORIZ SCHWAMBORN, Núbia Litaiff. Artigo **O Universo Literário de Álvaro Botelho Maia, na obra Banco de Canoa – Cenas de rios e seringais do Amazonas**. 2016. In: I Ciclo Nacional de Debates Interdisciplinares do CEST/UEA, Tefé/Amazonas, ano 2016.

VIRCONDELET, Alain. **A verdadeira história do Pequeno Príncipe**. [Tradução: Lilian Palhares]. – Osasco, SP: Novo Século, 2008.